



CAPÍTULO II - Do livro

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma História dos Subúrbios, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras...*?

Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.



Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ

Disciplina: Língua Portuguesa Coordenador: Lucas Matos

2º ano - 2A, 2B, 2C e 2D Professores: Adriana Gonçalves e Fernanda D'Olivo

Material elaborado pela estagiária Annelise França

Grito de alerta

Gonzaguinha

Primeiro você me alucina
Me entorta a cabeça
E me bota na boca um gosto amargo de fel
Depois vem chorando desculpas

Assim, meio pedindo
Querendo ganhar um bocado de mel
Não vê que então eu me rasgo
Engasgo, engulo, reflito e estendo a mão
E assim nova vida é um rio secando

As pedras cortando e eu vou perguntando
"Até quando?"
Si o tantas coisinhas miúdas
Roendo, comendo, arrasando
Aos poucos com o nosso ideal
Si o frases perdidas num mundo
De gritos e gestos

Num jogo de culpa que faz tanto mal
Não quero a razão pois eu sei o quanto estou errado
E o quanto já fiz destruir
Só sinto no are o momento em que o copo está cheio
E que já não dá mais pra engolir
Veja bem,

Nosso caso é uma porta entreaberta
E eu busquei a palavra mais certa
Vê se entende o meu grito de alerta

Veja bem,
É o amor agitando o meu coração
Há um lado carente dizendo que sim
E essa vida da gente gritando que não



Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ

Disciplina: Língua Portuguesa Coordenador: Lucas Matos

2º ano - 2A, 2B, 2C e 2D Professores: Adriana Gonçalves e Fernanda D’Oliveira

Material elaborado pela estagiária Annelise França

O envelhecimento pode ser curado? Descubra o que os cientistas sabem.

Os cientistas conseguem estender a vida dos camundongos. A rapamicina, amplamente prescrita para prevenir a rejeição de órgãos após um transplante, aumenta até 60% a expectativa de vida de camundongos de meia-idade.

(...)

“Se você é um camundongo, você tem muita sorte porque há muitas maneiras de prolongar sua expectativa de vida”, diz Cynthia Kenyon, bióloga molecular cuja descoberta décadas atrás catalisou o que agora é um frenesi de pesquisa. “E os ratos longevos parecem muito felizes.”

E nós? Até que ponto os cientistas podem estender nossa expectativa de vida? E até onde eles devem tentar? Entre 1900 e 2020, a expectativa de vida humana passou para 73,4 anos, mais que o dobro. Mas esse ganho notável teve um custo: um aumento impressionante de doenças crônicas e degenerativas.

O envelhecimento continua sendo o maior fator de risco para câncer, doenças cardíacas, Alzheimer, diabetes tipo 2, artrite, doenças pulmonares e quase todas as outras doenças graves. É difícil imaginar que alguém queira viver muito mais se isso significar mais anos de debilidade e dependência.

Mas se esses experimentos com ratos levassem a drogas que limpam os destroços moleculares e bioquímicos que causam tantos problemas de saúde na velhice, ou se levassem a terapias que retardam – ou, melhor ainda, evitam – esse acúmulo? Então, mais pessoas chegariam aos 85 ou 95 anos sem as dores e doenças que podem tornar esses anos uma faca de dois gumes.

Mais pessoas poderiam atingir o que se acredita ser o tempo máximo natural de vida humano, de 120 a 125 anos. Poucas pessoas chegam perto dessa idade. Nos países industrializados, cerca de um em cada 6 mil atinge a marca do século, e um em cada cinco milhões passa dos 110. A recordista, Jeanne Calment, na França, morreu em 1997 aos 122 anos e 164 dias.

A biologia humana, aparentemente, pode ser otimizada para maior longevidade. Riquezas inimagináveis aguardam quem decifrar o código. Não é de admirar que os investidores estejam gastando bilhões em tentativas. O Google liderou a onda de gastos com o lançamento da Calico Life Sciences, em 2013, onde Kenyon é o vice-presidente de pesquisa sobre envelhecimento. Ao longo dos últimos anos, o investimento na indústria foi realizado por magnatas da tecnologia, milionários de criptomoedas, e, mais recentemente, da realeza saudita. Parece que todo mundo com dinheiro para gastar está apostando no próximo – ou, na verdade, no primeiro – grande sucesso do envelhecimento.

Este trabalho é alimentado por inteligência artificial, big data, reprogramação celular e uma compreensão cada vez mais refinada dos zilhões de moléculas que mantêm nossos corpos funcionando. Alguns pesquisadores até falam sobre “curar” o envelhecimento.

(...)

Les as pesquisas de cientistas que tentam desvendar os mistérios do envelhecimento não contribui com a sensação positiva de envelhecer. A ideia de “curar” o envelhecimento o coloca como patologia. Os estudos publicados começam, implacavelmente, com más notícias. Assim começa um artigo: “O envelhecimento é um processo degenerativo que leva à disfunção dos tecidos e à morte”. À medida que aprendia mais sobre a ciência, fiquei entusiasmado com as possibilidades de avanços, mas angustiado com minhas próprias perspectivas chegando aos 68 anos.

(...)